

Num ano importante para a sua carreira artística, pautado por várias exposições individuais e residências artísticas, Julee apresenta na Árvore uma exposição que parte da água - como elemento e ideia - como via para dar a ver narrativas individuais que ecoam memórias coletivas.

Mas dar a ver por via da água, nada tem de simplista: passa-nos esta pelos dedos e da sua transparência chegam-nos todas as cores; vemos tanto através dela como vemos o nosso próprio reflexo e se o seu cheiro e sabor nos parecem passar despercebidos, não nos descuidemos: também ela, na mesma medida, nos afoga, afunda, mata a sede e constitui.

É esta uma exposição research-specific, que representa a versatilidade da linguagem de Julee que, sem que nunca lhe trema a voz, navega agilmente os materiais que melhor respondem às suas necessidades estéticas e comunicativas. As referências interdisciplinares provenientes do seu conhecimento teórico-prático na intersecção entre arte e natureza traduzem-se numa senciência só sua, traduzida quer na cuidada recolha, investigação e transformação matéria, quer pela consideração de outros modos, tempos e espaços do fazer, estar e ser.

É como bravura que se apresenta também uma exposição family-specific. No entanto, por mais acutilante que seja cada referência às suas antepassadas e advinhadas gerações futuras, esta exposição não é uma autobiografia singular, mas antes um conjunto generoso de propostas que nos convidam a nelas encontrar, na figurada superfície reflexiva da água, vislumbres de narrativas femininas partilhadas que nos compõem a todos.

Aqui a água reflecte-nos, para nos fazer refletir sobre esse passado que não é nosso mas que nos constitui, e que nos sussurra a estranha relação que existe entre o carinho de nutrir e a dureza do cuidar, conforme assinala cada labor feminino como mito de romance, mas que tanto tem de delicado como de penitente - um outro nível de *uncanny*¹ que até Freud preferiu ignorar: ainda mais visceral, inevitável e inegável.

Um poema e uma pequena porta convidam paradoxalmente à entrada na exposição, e à saída de nós, para o exterior, numa escala propositadamente infantil. As seguintes peças exploram, na mesma medida, essa dimensão antagónica do cuidar e/ou do cuidador.

¹ FREUD, Sigmund; PHILLIPS, Adam (ed.) - *The Uncanny*. p.148.

Do lado de lá, “Senhora das Águas” confunde roupa que cura ao sol com uma violenta cascata que se vira sobre a mesma panela de cobre, como que amalgamando o que fazia e pensava essa figura que adivinhamos. A esta, segue-se uma pilha de seis taças - ou “seis (de) copas” - que poderia ecoar uma reunião familiar. No entanto, o seu conteúdo causa, com razão, estranheza: raízes elevam-se no ar, levando-nos a questionar se não estará toda a estrutura invertida. Uma árvore genealógica que em vez de resultar, suporta; raízes que ao invés de nos prenderem ao chão, informam a geração seguinte. Afinal, para além de alimento, é também essa informação que partilha a árvore-mãe à sua prole: como fazer e o que evitar.

O perfil embrionário da seleção de peça “Eco”, constituinte da série “Água Doce”, explora esse momento que antecede o desaguar no mar, como fatal imensidão. Aqui, provas únicas partem da literal troca de impressões entre mel - tradicionalmente associado à fertilidade e ao amor - e químicos de revelação e fixação: e não sabemos ser assim mesmo que se dá a criação? No entanto, relembra “Entrega (Zoraide)” - em referência direta à avó da artista - que é do mar encrespado que sonhamos água doce, figurando o fluxo que dá mote à exposição através de cera de abelha, areia e pigmento e que, entre conchas de mexilhão côncavas ou convexas, brota ou alimenta.

Conta Umberto Eco que a nossa memória recorda com nostalgia mesmo momentos traumáticos, dando com exemplo a sua infância pautada por momentos de reclusão em abrigos subterrâneos contra ataques aéreos². Talvez seja esta uma questão de autodefesa em prol da perpetuação da vida, da perpetuação da espécie: o que seria da humanidade se soubéssemos da dureza de se ser mulher? Justifique talvez esse facto, de aparente interesse biológico, a mítica associação feminina a este elemento, a água.

Não é que a origem do mito seja mentira. A mentira surge no esquecimento.³

Beatriz Manteigas
Branca, 1 de agosto de 2025

² Em Itália, durante a II guerra mundial. ECO, Umberto - *Chronicles of a liquid society*. p.14.

³ A partir de Dunbar-Ortiz, conforme citado em OSTENDORF-RODRÍGUEZ, Yasmine - *Let's become fungal! Mycelium teachings and the arts*. p.59.